

O QUIXOTE CUBANO

Lucas Manuel Vega

Parece-me interessante, inicialmente, contextualizar esta imagem fotográfica para obter um enfoque similar, ou melhor, para observá-la sob um determinado aspecto. Esta foto foi tirada no dia 26 de junho de 1959, durante uma comemoração do triunfo da Revolução Cubana, na praça da Revolução (antiga Praça Cívica de Havana). A foto é de Alberto Díaz (Korda) e é intitulada "O Quixote do poste de Luz" ("El Quijote de la Farola").



É provavelmente um camponês, um verdadeiro personagem em uma foto quase surreal. Parece um observador, um pensador, uma sentinela montada (como Dom Quixote) em um cavalo, parece tão à vontade que dá a sensação de ser o dono, o proprietário do poste de luz. É para ele que toda a imagem conduz.

Essa imagem pode ser dividida em três planos, o plano do fundo onde está a multidão, que é um plano inclinado (mais próximo na parte de baixo da foto e mais afastado na parte superior da imagem) e um pouco fora de foco; o outro plano seria o dos fios de eletricidade e a lâmpada pendurada que atravessam a foto horizontalmente e levemente inclinados; e finalmente o primeiro plano do camponês "montado" no poste, que se destaca de tal maneira que além de dar a impressão de uma fotomontagem, suga quase toda a atenção para ele. Nestes três planos parece haver uma relação: o plano de fundo inclinado é fundamental para confundir (e talvez aumentar ainda mais) a medida

da altura do poste, colocando-o provavelmente mais alto do que ele é realmente e destacando ainda mais o primeiro plano. Portanto, o plano de fundo é fundamental no destaque do primeiro e os cabos elétricos entre um plano e outro quebram suavemente a simetria da imagem e buscam ou insinuam (devido à inclinação desses fios) uma relação entre um plano e o outro.

A foto, provavelmente conseguida com uma teleobjetiva, transforma a massa popular em um pano de fundo (uma textura) quase uniforme e coloca o camponês do poste com um ar: intelectual pela postura; curioso pela altura, de onde pode ver muita gente (e remete seu olhar a um extra quadro que nos coloca em posição de compreender sua curiosidade, pois nos deixa também curioso) e muitos podem vê-lo (inclusive o fotógrafo); e anárquico pela situação. Com um sutil cigarro entre os dedos, parece à vontade por um lado e contemplativo, pensativo (como um "pensador" de Rodin) por outro.

Os dois globos do poste dão um equilíbrio à figura humana que pousa nele e ao mesmo tempo entra em contraste (quase conflituoso) com as sensíveis diferenças de tonalidades de luz (e o poste é uma fonte de luz) entre um lado e outro do poste com relação ao fundo, onde o plano de fundo tem uma tonalidade um pouco mais clara (do lado esquerdo do poste) a parte de vidro do poste está mais escura e do outro lado ocorre o contrário, o globo de vidro está mais iluminado e o fundo mais escuro.

Entrando nessas dualidades (vontade-pensativo, claro-escuro) é difícil, praticamente impossível, contextualizar esse personagem nessa situação e, ao tratar de fazê-lo, a foto ganha um peso dicotômico muito grande, pois o contexto em si nos apresenta vários outros contrapontos como indivíduo-massa, individualidade-coletividade e, em um contexto mais amplo como o histórico (sabendo que é em Cuba, numa comemoração da Revolução Cubana), temos outros contrapontos que impossibilitam e ampliam ainda mais essa contextualização do indivíduo: público-privado, igualdade-diferença e até capitalismo-socialismo.

A perspectiva dilui-se no plano de fundo da multidão. Porém a posição dos pés do camponês no poste desenha uma diagonal praticamente

perpendicular à diagonal do poste, dando uma boa noção de perspectiva somente da parte em destaque (o homem e o poste). Podemos até dizer que essas diagonais se complementam, a da luz e poste (técnica) e a diagonal dos pés do homem (humana).

O que harmoniza o conjunto da imagem é a posição da luz, que uniformiza a "textura" de fundo e acaricia com a mesma delicadeza o homem e o poste. Portanto, descrever e interpretar essa imagem parece mais produtivo do que tratar de contextualizar seu personagem. A surrealidade desta foto convida-nos a fazer como seu retratado, a tirar os pés do chão e a levar nosso olhar a uma imensidão contemplativa. Talvez resida aí sua força e beleza.